

'Uma promessa de que a negociação continua'

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — O Brasil conseguiu marginalizar provisoriamente o Fundo Monetário Internacional com a prorrogação de suas linhas de créditos de curto prazo anunciada por Brasília. É dessa forma que a imprensa especializada europeia está noticiando o acordo que teria sido firmado por Fernão Bracher, presidente do Banco Central, durante as difíceis negociações da semana passada nos Estados Unidos. Essa não é, entretanto, a opinião de certos banqueiros franceses que insistem em afirmar que o Brasil obteve apenas um novo prazo, até 15 de março, período em que as negociações devem prosseguir para se chegar a um acordo efetivo.

Os banqueiros europeus são os que se mostram mais reticentes em relação às negociações de Nova York. Por isso, preferem não interpretar como acordo o que foi acertado na semana passada, mas definindo o resultado do encontro apenas como uma promessa de que as negociações vão prosseguir. Pelo menos esse é o sentido das comunicações, via telex, que receberam do comitê de bancos na última segunda-feira e mesmo dos representantes do Ministério da Fazenda e do Banco Central do Brasil, todas elas informando sobre os resultados dos entendimentos.

Essa posição de certos banqueiros nem sempre coincide com a da imprensa especializada, a qual considera que o governo brasileiro obteve uma significativa vitória ao manter uma política de linha dura que há quase um ano não aceita discutir um programa de austeridade com o Fundo Monetá-

rio. Mas os banqueiros lembram que mesmo que se tratasse de um acordo definitivo com o comitê de bancos, este deveria obter, por sua vez, a ratificação junto aos 700 credores que representam as negociações, o que não é nada evidente em relação aos europeus envolvidos. Para algumas áreas, o Brasil ganhou mais tempo com sua estratégia, que objetiva marginalizar discretamente o FMI, alcançando pouco a pouco seus objetivos e não admitindo o monitoramento de sua economia por essa instituição.

CLUBE DE PARIS

Concluído um acordo com os bancos comerciais já se pergunta se será possível um outro com os países credores, isto é, com o Clube de Paris, pois um total de US\$ 800 milhões da dívida pública brasileira venceu no final de 1985. Agora, será preciso encontrar também um compromisso nessa área. O Clube de Paris normalmente só se reúne depois de um "sinal verde" do FMI.

Apesar de não serem tão importantes os créditos vencidos nessa área, existe sempre o perigo da supressão do conjunto dos créditos de exportação dirigidos ao Brasil até que uma nova carta de intenções seja assinada com o Fundo Monetário Internacional. Poucos acreditam que se possa chegar a esse ponto, mas essa não deixa de ser mais uma ameaça dos europeus, que não escondem seu descontentamento em relação ao comportamento das autoridades brasileiras e do próprio comitê de bancos na negociação da recente prorrogação na área comercial. (Leia na pág. a íntegra da carta-circular aos bancos credores).